

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PORTO

A ESPERANÇA

«O homem nunca deve perder a esperança. A esperança no triunfo da justiça, no triunfo da verdade. Não quer isto dizer que se seja optimista até à insensatez. O optimismo e o pessimismo insensato são inimigos do bom senso e o bom senso é a base da inteligência, sobretudo da inteligência, do génio político. Alexandre, o Grande, mediu bem o alcance da sua gloriosa expedição. Distribuiu pelos seus amigos, antes de partir, tudo o que possuía e quando estes lhe perguntavam o que reservava para si próprio, respondeu: *A Esperança*. «Estas palavras, diz um autor, ficaram a divisa daqueles que se lançaram nas empresas atrevidas, com os únicos recursos da sua inteligência». A única coisa que ficou no fundo da caixa de Pandora foi *A Esperança*.

Pandora, na mitologia grega, foi a primeira mulher que apareceu. Ornada por todos os dons divinos, foi ela que Zeus escolheu para punir Prometeu, o ladrão do fogo do céu, mandando-lhe de presente, por a linda Pandora, de extrema formosura, uma caixa misteriosa, contendo todos os males. Prometeu, desconfiado de tanta amabilidade, não aceitou o presente. Mas seu irmão Epimeteu, maravilhado com a for-

mosura de Pandora, acolheu-a galantemente, casou com ela e teve a imprudência de abrir a caixa espalhando sobre a terra todos os males de que ia cheia. Só uma coisa ficou no fundo da caixa: *A Esperança!*

Os artistas da idade média não se esqueceram de recordar e simbolizar a esperança na pedra e na tela. Num dos medalhões da parte central de Notre Dame de Paris está ela representada por uma mulher vestida, com um estandarte no seu escudo e aos seus pés, como símbolo do Desespero, um homem trespassado pela sua espada.

Nunca o homem, em todos os períodos da história e desde que o mundo é mundo, deixou de alimentar a esperança de que a Justiça venceria a injustiça, de que a Verdade venceria a mentira, de que a Bondade venceria a maldade, de que a Liberdade venceria a tirania. E havíamos nós agora, em meados do século vinte, de perder a esperança que animou os nossos antepassados e tantas vezes produziu entre eles heróis e santos? Seria o cúmulo da covardia e da estupidez.»

(Extrato dum artigo do Professor Homem Cristo, publicado no seu jornal *O Povo de Aveiro*).

O REGRESSO DE ISRAEL À TERRA DA PROMISSÃO

A LUTA DO POVO JUDAICO PELO SEU LAR

UM CHEFE DO TRABALHISMO HEBREU FALA-NOS DA NOVA PALESTINA

Um acaso... a influência de um amigo... fizeram com que encontrássemos, à sua passagem por Lisboa — vindo directamente da Palestina — um dos chefes do movimento Trabalhista hebraico: o escritor Jacob Zerubavel.

Não foi difícil, depois do encontro, obter as suas impressões sobre o que se passa actualmente na Palestina Nova.

O Drama de Israel

— E' necessário compreender — começou por nos dizer o nosso interlocutor — que não se trata apenas de um país, mas de milhões de judeus, que insistem em reivindicar o seu direito a terem uma vida normal e fecunda como todos os demais povos.

Os judeus participaram, activamente na guerra, e ajudaram a destruir o domínio da barbárie e da tirania sobre a cultura humana e os povos livres. Mas um ano depois de finda a guerra, e apesar dos seis milhões de vítimas do barbarismo hitlérico, centenas de milhares de judeus, que foram salvos, encontram-se ainda nos campos de pessoas deslocadas, dependem de subsídios e de assistência, quando o que desejam é regressar a uma vida sã e normal. Não podem regressar aos países onde, a cada passo tudo os faz lembrar a tragédia que sofreram e o sangue dos seus... A Europa é um grande cemitério para o povo judaico. O que eles agora procuram é um lar conveniente para viver entre os seus irmãos.

As promessas da Inglaterra

— O único país no mundo, que, durante a guerra, se preocupou com salvar os judeus das garras nazis — dos fornos crematórios e das câmaras de gás — foi a Palestina. Foi lá que os judeus lançaram os fundamentos sólidos para uma pária.

Depois da primeira guerra mundial, 52 nações reconheceram ao povo judaico o direito de construir o seu lar nacional a sua pátria milenária.

Para este fim, recebeu a Grã-Bretanha o

mandato sobre a Palestina, com o encargo de auxiliar a imigração e a colonização destinadas a estabelecer um lar nacional judaico.

Durante algumas dezenas de anos, os judeus conseguiram, graças à sua energia, aos seus capitais, ao seu trabalho e à sua capacidade, converter um país deserto e abandonado em cidades e aldeias florescentes, com grande vantagem para a população local árabe, que começou a beneficiar duma vida civilizada. Graças às suas fundações e métodos de desenvolvimento, os judeus aumentaram, de maneira considerável, a capacidade de absorpção da Palestina. Hoje estão preparados para poder auxiliar os seus irmãos e irmãs infelizes, acolhendo-os no seu seio — no seu novo lar.

Um lamentável «Livro Branco»

— E o mandato britânico?... — arriscamos.

— O mandato britânico!... A potência mandatária, obedecendo a uma política falsa, que consistia em jogar com os destinos dos povos, e em dar a primazia aos seus interesses, publicou antes da guerra um Livro Branco, pelo qual limitou, e até, em dada altura paralizou completamente, a imigração judaica para a Palestina, e proibiu aos judeus a aquisição de terras.

Deste modo, a Palestina é, actualmente, o único país do mundo onde há leis discriminatórias contra os judeus como povo! A guerra terminou com a vitória da Democracia, mas os judeus são tratados como párias, como gente de infima espécie, privada de todos os direitos, mesmo dos mais elementares...

O objectivo da luta do povo hebreu

— Qual é, então, o objectivo da luta que trava actualmente o povo hebreu?

— A luta actual do Povo Judaico — responde com vivacidade o nosso entrevistado — procura, sobretudo, salvar os refugiados. Mas a luta não se trava apenas por isso. Queremos, de uma vez para sempre, acabar com a nossa vida errante, de minorias dispersas por todos os cantos do globo. Queremos utilizar as energias salvas das câmaras de gás e dos fornos crematórios, em benefício do nosso povo e da humanidade! Desejamos continuar o que foi começado na Palestina. Toda a população judaica está pronta a dar o seu sangue, a sacrificar a vida por este ideal.

O «terrorismo» judaico

— Mas, ao que parece, o carácter terrorista da vossa actuação...

— É uma falsidade e uma injustiça apresentar a nossa luta com o carácter de ataques «terroristas» contra ingleses ou outros povos. Há evidentemente, como em toda a parte, pessoas que procedem impelidas pelo desespero em face da injustiça monstruosa cometida contra o nosso povo. A população judaica da Palestina e a representação oficial do povo judaico condenam tais actos! Mas a população judaica da Palestina declarou, ao mesmo tempo, abertamente, perante o mundo, que não deixará esbulhar-se dos seus direitos elementares de vir em auxílio dos seus próprios irmãos, e que não reconhecerá qualquer direito que pretenda proibir-lhe o acolher, na sua pátria, as vítimas salvas, e que não ficará inactiva, perante as tentativas de destruição do Lar Nacional da Palestina, que representa a única esperança e a única perspectiva de vida normal para o povo judaico!

O que é a «Haganah»...

— Há, porém, uma organização «secreta»... A Haganah... O que é, precisamente, essa sociedade de que tanto se tem falado?...

— A «Haganah» não é uma organização de conspiradores. «Haganah» significa todos os 600.000 judeus que vivem na Palestina, mais os milhões de judeus, em todo o

mundo, que estão prontos a lutar pela libertação do povo judaico e pela construção do lar nacional na Palestina. A Comissão anglo-americana de inquérito reconheceu unânimemente, a força moral da «Haganah». Nunca foi empregado o exército da «Haganah» na Palestina, para atacar, mas, sempre para defender a vida e a propriedade dos judeus.

Os chefes reaccionários árabes mantêm o seu povo na escravidão e procuram convencê-lo de que a imigração judaica o prejudica. É pura mentira e as massas árabes não estão, de maneira nenhuma, dispostas a deixarem-se enganar, como no passado e a atacar os judeus. Sabem que os judeus responderão, hoje, digna e enérgicamente, com armas na mão, se forem atacados. Os judeus levam uma vida pacífica que pode servir de exemplo a outros povos e países.

Não temos medo e nada nos deterá!

É com profunda melancolia que o nosso interlocutor nos diz ainda:

— Sentimo-nos profundamente desiludidos com o facto de a Grã-Bretanha, com um Governo Trabalhista (desses mesmos trabalhistas que, durante dezenas de anos, mostraram tanta compreensão pela nossa obra de libertação) mobilizar agora a sua força armada na terra, no mar e no ar, para nos proibir a entrada no nosso próprio país. Mas, que o mundo o saiba, isto não nos meterá medo e não nos deterá. Para nós não conta o critério de uma imigração «ilegal» de judeus na Palestina e de lá viver do seu próprio trabalho. Não permitiremos que nos condenem à fome ou que nos tornem indignos por uma vida miserável de párias, sujeitas a viver de esmolas!

Também sabemos dar a vida pela nossa liberdade

É, como um iluminado profeta de antigos dias, o Sr. Jacob Zerubavel concluiu:

— Temos direitos a uma vida nacional própria. Não temos a intenção de aterrorizar o mundo, mas não permitiremos que continuem a aterrorizar-nos pela força. Bevim declara que não pode aceder ao pedido do Presidente Truman, de deixar entrar, imediatamente 100.000 judeus na Palestina, porque devia mandar para lá uma

A AGÊNCIA JUDAICA RESPONDE AO GOVERNO BRITÂNICO

A Executiva da Agência Judaica anunciou a sua resposta à declaração do Governo Britânico em que foram tornadas públicas as medidas para impedir a imigração ilegal na Palestina. Saliendo que uma política que impede a imigração judaica é contrária às obrigações assumidas pela Grã-Bretanha sob o Mandato, a Agência Judaica declara que os 600.000 judeus na Palestina e todos os judeus em todo o mundo auxiliarão, como no passado, quaisquer judeus que tentam regressar à sua pátria.

Eis o texto da declaração:

1) Na sua declaração sobre as medidas que devem ser adoptadas contra a chamada imigração ilegal na Palestina, o Governo Britânico procura defender um regime de injustiça e de violação de obrigações internacionais assumidas pela Inglaterra sob o Mandato, segundo o qual é o seu dever "facilitar a imigração judaica".

2) O Povo Judaico não esqueceu a atitude de amizade e de humanidade por parte do Povo Britânico mesmo antes da proclamação da Declaração Balfour; nem será esta Declaração, que deu ao Povo

outra divisão armada, afim de assegurar a tranquilidade do país. A isto temos que responder, abertamente, que terá de mandar algumas divisões mais, se não deixar entrar os nossos infelizes irmãos e irmãs, salvos da morte. Não descansaremos, enquanto estiverem condenados a uma vida de mendigos.

Os judeus na Palestina não são bandos de assassinos nem de terroristas; são, simplesmente, a guarda avançada do povo judaico que luta pela libertação, no seu Lar Nacional. Temos provado, através das gerações, que estamos prontos a dar as nossas vidas pela liberdade dos outros povos. Hoje vamos convencer o mundo que sabemos também dar as nossas vidas pela nossa própria liberdade.

Judaico uma oportunidade para o seu grande esforço da reconstrução da Palestina, esquecida na história judaica.

3) Mesmo antes do Livro Branco de 1939, a política britânica no que diz respeito à imigração não era compatível com letra e espírito do Mandato. Se se tivesse seguido o princípio de permitir a imigração judaica até os limites da capacidade de absorção económica, outras dezenas de milhares de judeus podiam ter entrado na Palestina antes do começo da segunda guerra mundial. O Livro Branco de 1939 era, nas palavras de Herbert Morrison, o actual Lord Presidente do Conselho, e de muitos outros "uma violação cínica da fé". A execução desta política durante a guerra impediu a entrada de centenas de milhares de judeus na Palestina e a sua salvação da exterminação nazi. Este Livro Branco ilegal está a ser virtualmente continuado agora pelo Governo cujos chefes o condenaram directamente no tempo quando foi introduzido.

4) A própria declaração do Governo admite a existência de perseguição e de pogroms no Leste e Sudeste da Europa. Investigações após investigações mostrarem o destino deplorável de milhares que ainda estão internados em campos. A Comissão Anglo-Americana declarou que mesmo depois das condições na Europa melhorarem "500.000 hão-de desejar ou serão forçados a emigrarem da Europa". Apesar de repetidos pedidos urgentes do Presidente Truman e das recomendações unânimes da Comissão de Inquérito, o Governo recusou-se até agora a abrir as portas da Palestina aos restos das vítimas de Hitler. Esta política só pode ser explicada como uma de apaziguamento do ex-Mufti de Jerusalém, que era um dos principais responsáveis pela exterminação de seis milhões de judeus, e que incitou os árabes para combaterem contra a Grã-Bretanha e os seus Aliados. Além destes factos a declaração do Governo tenta criar a impressão de que o movimento das vítimas judaicas não é espontâneo e natural mas sim um movi-

DOCUMENTO SOBRE MARANUS

É devido à gentileza do Sr. Herbert Samuel, do Portuguese Maranos Committee, que nos mandou uma cópia duma interessante carta dirigida de Lisboa a Sua Emi-nência o Rabbi-mór da Palestina, Rabbi Jacob Meir, (já falecido) podem os leitores tomar conhecimento dum documento pouco conhecido.

COPIE

Comité da Comunidade Israelita de Lisboa.
117 Rua Alexandre Herculano.

Lisboa,
23 Sivan de 5684
25 Junho de 1924.

Monsieur le Grand Rabbin Jacob Meir,
Grand Rabbin de la Palestine et Presi-
dent du Conseil Rabbiniqne.

JERUSALÉM.

Monsieur le Grand Rabbin.

Je viens vous demander encore une fois, au nom de notre Comité, de vouloir bien

nous éclairer de vos sages conseils sur un sujet que nous trouvons tres interessant et que certainement ne manquera pas de vous interesser aussi.

Vous savez qu'au moment de l'expul-sion du Portugal, au XVI^e siecle de l'ere vulgaire, de nos anciens freres en religion beaucoup d'eux se sont convertis nu chris-tianisme pour echapper aux poursuites ter-ribles de l'Inquisition et des "auto-da-fé". Leur conversion cependant n'était qu'appa-rente car ils gardaient au fond du coeur leur amour et devouement pour notre reli-gion et beaucoup de descendants de ces infortunés, vivant dans certaines regions du Portugal, conservent encore aujourd'hui um sentiment très vif pour la foi de leurs an-cetres.

Quoiqu'ils soient baptisés, que leurs mar-riages soient celebrés selon les rites de la religion catholique et qu'ils soient enterrés comme adeptes de cette religion, ils se croient nonobstant de vrais Juifs. En gé-neral ces gens appartiennent a des classes paysannes ou a une petite bourgeoisie, ne comptant pas entre eux beaucoup de gros

mento artificial criado por "pessoas sem escrúpulos" e "uma minoria de extremistas sionistas".

5) O Povo Judaico não deixa de admira-r a atitude heróica assumida pela Ingla-terra na guerra contra o nazismo. Mas não se deve esquecer que mais dum milhão de judeus nas forças combatentes das Nações Aliadas e trinta mil voluntários Judaicos da Palestina nas forças britânicas combateram em todas as frentes.

6) O Governo Britânico começou agora uma nova forma de combater a imigração judaica na Palestina, enquanto a razão da presença da Grã-Bretanha no país é o enco-rajamento desta mesma imigração. Apela para estes mesmos Governos, que apesar da sua boa vontade não são capazes de impedir pogroms e a perseguição aos judeus nos seus países, para não deixarem sair os judeus. Mobiliza o poder militar, naval e aéreo da Grã-Bretanha para caçar os refu-giados para impedir a sua entrada na Pales-

tina e mandá-los para novos campos de detenção. Fica mal ao Governo, que começa bloqueando o caminho de imigrantes judai-cos para a sua pátria, justificar o seu acto pela chamada defesa dos direitos de imi-grantes legais ou simulando angústia por causa das condições nas quais os refugiados chegam à Palestina. Era por causa da limi-tação sem mercê da imigração ao número arbitrário de 1.500 por mês, que a imigra-ção "ilegal" com todas as privações, que a acompanham, se desenvolveu.

7) O Povo Judaico tem que considerar este passo do Govêrno Brilânico contra os mais infelizes dos seus filhos e filhas como um acto de grande crueldade. A tentativa feita na declaração do Governo para dividir sobretudo o povo judaico em extremistas e moderados, não terá sucesso. Todos os 600.000 judeus da Palestina e judeus em todo o mundo darão, como no passado, todo o auxílio a qualquer judeu que pro-cura regressar à sua pátria.

commerçants ou industriels, quoiqu'il y en ait quelques medecins, avocats etc. Au fond ils se croient tous Juifs et savent encore aujourd'hui, d'apres certaines phases lunaires, quel est le jour du Grand-Pardon (Yom-Kipur) qu'ils gardent rigoureusement; disent certaines prieres, qui leur ont été transmises par leurs ancetres et ou on a de la peine a recomaitre des paroles hebraïques estropiées, dont ils ne connaissent pas le sens et que cependant ils repetent avec ferveur. Ils parlent souvent d'un retour a Jerusalem et comme ils sont devenus tres ignorants de notre religion ils s'etonnent beaucoup lorsque par hasard un de nos correligionnaires leur explique quelques ceremonies religieuses. A vrai dire ils se croient parfaitement Juifs et il leur semble qu'il est inutile d'ajouter rien a ce qu'ils font, tellement la tradition de leur race et de leur religion est vive chez eux.

Un de nos correligionnaires, cependant, depuis quelques annees, attiré par des interets de son commerce, a beaucoup frequenté ces gens, qui n'ont pas delivré leur secret qu'au bout de beaucoup de temps et d'efforts de la part de notre correligionnaire et il paraît que quelques-uns, aujourd'hui qu'on vit dans un regime de parfaite liberté, voudraient retourner vraiment au Judaïsme en faisant circonciure leurs enfants. Nous sommes ici dans l'habitude de ne permettre a notre Moel de faire circonciure sans notre permission et il est evident qu'aucun de ces nouveaux Chretiens ou Marranos, comme ils sont connus, ne pourrait faire circonciure un enfant sans notre permission. Quel devrait être notre attitude, M. le Grand-Rabbin, si ces gens s'adressaient a nous? Ils ont certainement toute notre sympathie et leurs cas nous semblent tres interessants, mais faut-il introduire de nouveau dans le Judaïsme des gens situés dans les conditions speciales, habitant des viliages loin de toute culture juive; des gens destinés peut-etre plus tard a abandonner par indifference ou interet les preceptes de notre religion?

J'attire aussi votre attention sur les circonstances du Portugal, quoiqu'il tres liberal aujourd'hui, a été tres intolerant et pourrait encore le devenir, car le parti clerical est encore tres vivace et peut-etre a peine endormi pour le moment. Il faut dire aussi que l'anti-semitisme n'existe presque pas en Portugal, mais pourrait-il se

reveiller si nous faisons du proselytisme ou un semblant de proselytisme? J'apporte toutes ces considerations a votre sagesse, a votre intelligence eclairée ainsi qu'a vos nobles sentiments juifs pour nous guider et nous indiquer le chemin a suivre.

Dans l'attente de lire votre parole eclairée je vous prie M. le Grand-Rabbin d'accepter l'expression de ma tres haute consideration.

Le President du Comite,
signé:

(ilegível)

Le Premier Secretaire,
signé: ADOLF BENARUS.

Publicações recebidas

Forwerts (Forward) (Avante) — Diário judaico de New York escrito em Ydish (linguagem judeo-germânica) impressa em caracteres hebraicos.

Ydisher Kemfer — (O combatente judaico), revista norte-americana impressa em New York em caracteres hebraicos e escrito em Ydish.

Am ve-Sepher (Povo e Livro) — Revista de cultura hebraica, escrita em hebreu e publicada pela associação cultural Brith Ivrit Olamith (Aliança Hebraica Mundial) — P. O. B. 1121 — Tel-Aviv — Palestina.

Anuário do Porto — Santos Viseu (Comercial, Industrial e Burocrático) — Livro utilissimo para todos os escritórios e para quem queira ser bem informado de todas as actividades sociais e económicas do Porto e das povoações do seu distrito. Trabalho metódico e cuidadoso do Sr. Santos Viseu — Largo de S. João Novo, 17-1.º — Porto.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portuguezes desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 138)

Ainda esta não foi a primeira obra que saiu dos nossos prelos; porque muito antes dela se imprimiram as *Coplas do Infante D. Pedro*, por quanto no fim delas se declarava, que haviam sido impressas *Seis anos depois, que em Basileia fora achada a famosa Arte da Imprimissão*, como atesta haver visto o Conde de Ericeira na selecta Livraria do Conde de Vimieiro, que se queimou no terremoto de 1755. Veja-se a *conta de seus estudos na Academia Real da História Portuguesa*, ano de 1724, n. 23. Na Torre do Tombo no Livro I dos *Extracts*. fol. 197 se acha legalmente copiada a Carta, com que D. João Manuel, Bispo da Guarda deu à execução o Breve de Pio II passado à instância do Senhor Rei D. Afonso V sobre a reforma dos vestidos do Clero deste Reino, na qual explicando-se o Executorial a respeito da Tonsura, se manda, que os Clérigos *tragam coroa aberta tão grande e tão redonda, como a redondeza, emfim daquela Carta impressa*; e como o Papa Pio II morreu em 1464 provável é que a publicação se fizesse por aquele tempo. Assim que já em 1464 podemos pôr com alguma probabilidade o estabelecimento da Tipografia Portuguesa, o que vem a ser mais cedo, quanto parece, do que as Tipografias de todas as Nações, à excepção dos Alemães.

É certo, que em Lisboa havia já uma, e mui famosa em 1485; porque neste ano imprimiram nela a obra *Seper Orach Chaiim*, ou *Livro do Caminho da Vida* R. Jacob ben Ascer. (É impresso em folha

no ano 245 que corresponde ao de Cristo 1485, consta de 98 fls.).

Faz menção desta edição João' Bernardo de Rossi no *Comentário Histórico da Tipografia Hebraica Ferrariense* pág. 12 e na obra da *Orig. da Tipog. Hebr.* pág. 23, e a tem por impressa em Lisboa, pelo carácter do começo das Secções e Capítulos e pelo papel; e a dá pelo primeiro livro impresso em Portugal, ou geralmente em toda a Espanha. Quanto a esta última parte não podemos concordar com Rossi, salvo se ele só quer falar de Livros Hebraicos; pois que já notamos, como antes de 1485 se haviam imprimido entre nós: algumas obras; e pelo que pertence a Espanha em 1475 se imprimiram em Valença, as obras de Sallustio em 8.º em character Romano; (*Mattaire Annais Typograficos* tom. IV pág. 349); e os *Comentários* de R. Mosés aben Chaviv Judeu da Sinagoga de Lisboa ao *Bechinath*, ou *Livro do Mundo* do Espanhol R. Jedahiah Ben Abraham Hapenini Barcelonez; e em 1489 o *Pentateuco Hebraico*, que são as primeiras obras que appareceram entre vós da Tipografia Hebraica (Falaremos adiante com mais largueza desta edição do *Pentateuco*).

Tipografia Hebraica de Leiria — Por 1494 havia outra grande Tipografia Hebraica em Leiria na qual se imprimiram os *profectas Maiores* (Adiante, daremos também mais larga notícia desta edição).

(Continua).

Visado pela Comissão de Censura

Calendário Israelita

Ano de 5707

(Tem 12 meses lunares)

- 1.^a lua (Tishri) — 30 dias
dia 1 — 26 de Setembro de 1946.
- 2.^a lua (Heshvan) — 29 dias
dia 1 — 26 de Outubro de 1946.
- 3.^a lua (Kislev) — 30 dias
dia 1 — 24 de Novembro de 1946.
- 4.^a lua (Tebet) — 29 dias
dia 1 — 24 de Dezembro de 1946.
- 5.^a lua (Shebat) — 30 dias
dia 1 — 22 de Janeiro de 1947.
- 6.^a lua (Adar) — 29 dias
dia 1 — 21 de Fevereiro de 1947.
- 7.^a lua (Nisan) — 30 dias
dia 1 — 22 de Março de 1947.
- 8.^a lua (Iyar) — 29 dias
dia 1 — 21 de Abril de 1947.
- 9.^a lua (Sivan) — 30 dias
dia 1 — 20 de Maio de 1947.
- 10.^a lua (Tamuz) — 29 dias
dia 1 — 19 de Junho de 1947.
- 11.^a lua (Ab) — 30 dias
dia 1 — 18 de Julho de 1947.
- 12.^a lua (Elul) — 29 dias
dia 1 — 17 de Agosto de 1947.

(Este ano tem 354 dias)

Dias festivos no ano de 5707

- Rosh Ashaná* — 1.^o dia — 26 de Setembro de 1946.
Rosh Ashaná — 2.^o dia — 27 de Setembro de 1946.
Kipur — 5 de Outubro de 1946.
Sukot — 1.^o dia — 10 de Outubro de 1946.
Sukot — 2.^o dia — 11 de Outubro de 1946.
Hoshaná Rabá — 16 de Outubro de 1946.
Shemini Aseret — 17 de Outubro de 1946.
Simhá Torá — 18 de Outubro de 1946.
Hanucá — 1.^o dia — 18 de Dezembro de 1946.
Hanucá — 8.^o dia — 25 de Dezembro de 1946.
Purim — 1.^o dia — 6 de Março de 1947.
Pesah — 1.^o dia — 5 de Abril de 1947.
Pesah — 2.^o dia — 6 de Abril de 1947.
Pesah — 7.^o dia — 11 de Abril de 1947.
Pesah — 8.^o dia — 12 de Abril de 1947.
Shabuot — 1.^o dia — 25 de Maio de 1947.
Shabuot — 2.^o dia — 26 de Maio de 1947.

Jejuns em 5707

- Assassínio de Guedália* — 29 de Setembro de 1946.
Kipur — 5 de Outubro de 1946.
Cerco do Templo — 2 de Janeiro de 1947.
Jejum de Esther — 5 de Março de 1947.
Tomada do Templo — 6 de Julho de 1947.
Destruição do Templo — 27 de Julho de 1947.